

BC já espera crescimento maior do que 4%

Economia em expansão dá o tom otimista ao governo, que não prevê pressão sobre a inflação

SORAYA DE ALENCAR
e SÍLVIA FARIA

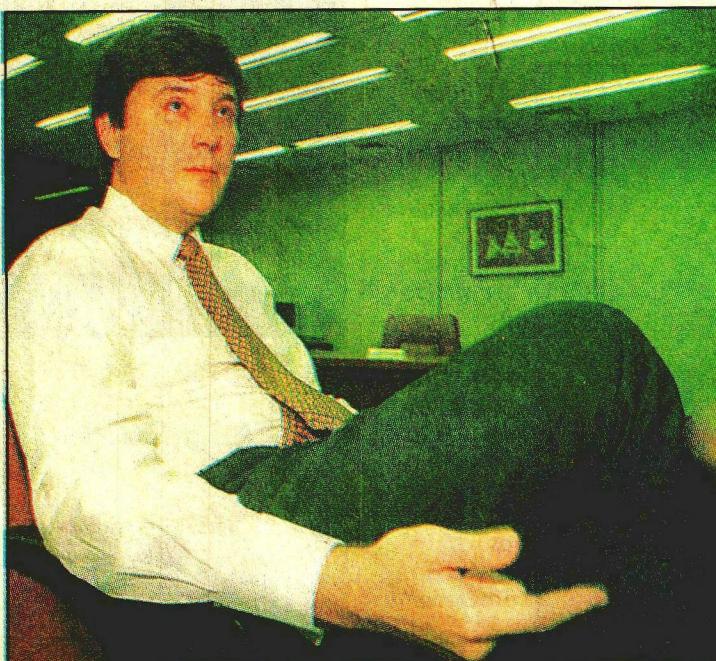
BRASÍLIA – A economia brasileira poderá crescer mais que os 4% inicialmente previstos para este ano. É com essa expectativa que o governo está trabalhando. Na avaliação do diretor de Política Econômica do Banco Central, Sérgio Werlang, a força que a economia mostrou neste início de ano indica que é possível ultrapassar os 4% sem provocar pressão sobre a inflação. Mais otimista, o ministro do Planejamento, Martus Tavares, confessa que os 4% são um piso para o crescimento.

Com um discurso em sintonia, os dois destacam, porém, que esse crescimento está garantido se o setor público não voltar a cair em tentação. "Não podemos cair na tentação do populismo de gastos extraordinários", diz Werlang. No mesmo

tom, Tavares diz que "não podemos ceder à tentação de aumentar os gastos artificialmente". Na opinião do diretor de Política Monetária do BC, Luiz Fernando Figueiredo, o momento que o Brasil vive é histórico. Ele destaca que o País jamais teve períodos com aspectos da economia tão positivos.

"Temos ajuste fiscal, inflação em baixa e contas externas sem problemas", comemora o diretor. Mas Werlang adverte que o momento atual ainda é de precaução. Segundo ele, "a casa ainda não está totalmente arrumada". Embora considere que o ano de 99 foi de organização, com o rigoroso programa fiscal cumprido pelo setor público e a novidade do câmbio flutuante, ele destaca que é preciso esperar pelo menos mais dois ou três anos para começar a relaxar.

Somente em 2002 ou 2003, segundo o diretor do BC, a dívida do setor público deverá estar estabilizada em relação ao PIB. E para que essa dívida fique entre 46% e 46,5% do produto, Werlang calcula que serão necessários superávits primários entre 1% e 2% do PIB. Abai-



Wilson Pedrosa/AE

Werlang, diretor do BC: "País tem espaço para crescer 5% ou até mais"

xo, portanto, dos 3,1% obtidos em 99 e dos 3,25% fixados para este ano.

Compensação – "Esse esforço é necessário apenas durante este período de transição para, mais ou menos, compensar o passado recente para conseguir estabilizar a relação dívida/PIB e então voltar a ter condições de crescimento maior", garante o diretor. Ele acredita que, no lon-

go prazo, o Brasil tem espaço para crescer 5% ou "até mais". Ao mesmo tempo, segundo o diretor, a inflação poderá estar estabilizada em níveis muito baixos. "Este ano ainda não vai ser assim, mas já vai ser nesta direção", destaca, lembrando que mesmo com o crescimento econômico deste início de ano, não houve pressão nos preços.

Para 2000 e 2001, Werlang garante que as metas de infla-

ção de 6% e de 4%, respectivamente, serão cumpridas.

Com base em um estudo feito com dados de 71 países, ele garante que o repasse da desvalorização para os preços que tinha que ocorrer já ocorreu. E explica que, a exemplo da maioria dos países onde também foram feitas desvalorizações, ele diz que no Brasil esse repasse ficou restrito à diferença entre a desvalorização e o preço de produção interna. Werlang lembra que, com o câmbio sobrevalorizado, o Brasil chegou a importar sabonetes. A partir da desvalorização, muitos produtos antes importados voltaram a ser feitos no Brasil.

Juros – Com um cenário de ajuste fiscal e câmbio flutuante, ele diz que é possível ter juros mais baixos. E atribui "boa parte" da recuperação da economia aos juros menores no ano passado quando os juros reais ficaram entre 6% e 7% segundo ele. Werlang destaca que, o atual nível de juros nominais futuros, que é de 18,9%, não é visto há muito tempo. Ele diz prevê que, embora os juros reais

ainda continuem altos, pois para o ano estão previstas taxas em torno de 12%, a tendência é de redução.

Werlang diz que as condições garantem que o "País pode viver momentos de tranquilidade jamais vividos". E elogia o setor privado que, desde o Plano Real, aumentou a sua poupança em aproximadamente 2,5%. Hoje, segundo ele, a poupança do setor privado está entre 20% e 21% do PIB. No caso da despoupança do setor público, o diretor lembra que "boa parte do proble-

ma já diminuiu muito". Werlang insiste na continuidade do ajuste fiscal e diz que "a poupança doméstica como um todo

continuará bem a partir do momento em que setor público permanecer não despoupando".

Do lado externo, o diretor também não vê ameaças para que a economia brasileira continue na trajetória de crescimento. No caso específico do petróleo, a visão do governo é otimista depois que a Venezuela, o México e a Arábia Saudita anteciparam a posição favorável ao aumento da produção.

**MAIOR
RISCO É O
GASTO
PÚBLICO**